

O discurso dramático da nova imprensa partidária

Pedro Diniz de Sousa

Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa (ESCS);

Centro de Investigação Media & Jornalismo (CIMJ)

A presente investigação pretende testar um modelo de análise do discurso dramático na imprensa concebido há alguns anos e entretanto publicado em livro, a partir de um estudo de caso centrado no jornalismo partidário durante o chamado "PREC" (Sousa, 2003). Vimos na ocasião como a *Voz do Povo*, afecta à UDP e a uma ideologia abertamente marxista e revolucionária utilizava este tipo de discurso, com que objectivos e, para efeitos de comparação, usámos o jornal do PS, o então *Portugal Socialista*, que defendia abertamente uma democracia pluralista e a defesa das instituições democráticas vigentes e então a braços com ameaças reais.

O teste consiste na aplicação do modelo a dois jornais partidários de 2005, os quais apresentam semelhanças fundamentais em relação aos anteriormente estudados. Falamos do *Esquerda*, jornal do Bloco de Esquerda (BE), herdeiro legítimo da UDP, passe a expressão; e do *Povo Livre*, jornal do PSD, partido de poder no período abrangido pelo estudo e com alguns traços em comum com o *Portugal Socialista* de 1975, com uma postura de defesa do governo.

Aliás, o período agora em análise, Janeiro de 2005, partilha com o "PREC" o estatuto de período de crise política, embora a uma escala e a níveis muito diferentes. Efectivamente, nesse mês o Governo de Santana Lopes encontrava-se demissionário, após um mandato apontado como instável no espaço público mediatizado, e os partidos políticos - como os seus jornais - preparavam já o terreno e os argumentos para as legislativas de 20 de Fevereiro.

Modelo de análise, enquadramento teórico e operacionalização

Antes de apresentarmos os resultados da investigação, importa dar conta da lógica deste modelo e dos seus fundamentos teóricos.

Parte-se da ideia de que certas características atribuídas ao discurso das notícias o aproximam do discurso do drama. Nomeadamente, a importância do tempo presente, a

necessidade de produzir um discurso claro, a decorrente necessidade de simplificação, o carácter apelativo e muitas vezes afectivo deste discurso, a presença de narrativas tendentes a concentrar a acção em torno de um pequeno núcleo de personagens.

Estes atributos, comuns ao teatro e às notícias, combinam-se para criar o que os alguns teóricos do drama (Hamburger, 1986, Dort, 1971, Reis, 1995, Dawson, 1975) chamam a *ilusão dramática*, ou o *efeito de real*. Ou seja, têm o condão de persuadir o espectador ou o leitor de que está perante a realidade e não perante a sua representação. Este efeito pode servir, por exemplo, interesses ou objectivos políticos. Assim, o modelo considera que o discurso dramático desempenha funções simbólicas. Identificámos as seguintes, com base numa fundamentação teórica desenvolvida na ocasião (Sousa, 2001, 2003, Bourdieu, 1989, Rodrigues, 1990, Dawson, 1975, Sfez, 1993, Balandier, 1999): *conferir visibilidade, imposição de uma visão do mundo, remitificação, agitação política e utilização dos sentimentos para fins ideológicos*.

A confirmação ou infirmação destas funções implicava uma adaptação do conceito de discurso dramático ao contexto da imprensa escrita. A partir do contributo de Pierre Babin (1993) construímos, de forma crítica, uma grelha de categorias de análise, que permitiriam medir o conceito e testar as referidas funções: as metáforas, as metonímias, os "rótulos de codificação", as oposições e as associações binárias, a utilização de sentimentos, a ênfase, a vitimização e a nomeação de pessoas. Estas categorias foram todas decompostas em variáveis, cujas modalidades foram sucessivamente agregadas e recodificadas.

Quanto aos géneros jornalísticos seleccionados, por razões que se prenderam com o teste das propriedades dramáticas das notícias e para salvaguardar a capacidade de validação do presente trabalho, optámos por analisar apenas o discurso das notícias.

Esta escolha implicou a rejeição de uma parte significativa do espaço editorial, ocupada por tipos de informação característicos deste tipo de imprensa. Casos dos *espaços estritamente de opinião* - editoriais, artigos de opinião ou análise, comunicados partidários -, dos *espaços de transcrição de discursos dos líderes* ou outras figuras do partido, da *informação oficiosa*, abundante na imprensa partidária

A evolução do contexto político português entre 1975 e 2005

A evolução discursiva que podemos inferir da presente análise, entre a *Voz do Povo* de 1975 e o *Esquerda* de 2005, deriva de um conjunto de factores históricos tão vasto que seria pretensioso tentar enumerá-los. Apontemos algumas diferenças estruturais.

No Portugal de 1975 estava "em curso" um "processo revolucionário", no qual a extrema esquerda via como possível a implantação de uma "sociedade socialista", abertamente baseada na teoria marxista-leninista. Em 2005, década e meia após a derrocada do Bloco de Leste, a democracia pluralista baseada no capitalismo económico é uma realidade incontestada e hegemónica a nível mundial.

A esquerda marxista europeia, cada vez mais minoritária, foi obrigada a um processo de reconversão não só ideológica, mas também, necessariamente, simbólica e discursiva. No caso português, estas dificuldades acentuaram-se com a maciça injeção de capitais e investimentos da CEE/União Europeia que, após 1985, transformaram numa escala sem precedentes os padrões de consumo da população. É de supor por isso, no âmbito deste campo político, uma reconversão profundíssima entre os padrões discursivos de 1975 e os de 2005.

No entanto, a globalização da indústria e dos mercados, a crise global do Estado Social, um novo choque petrolífero, combinaram-se para mergulhar a Europa Ocidental - e o nosso país de forma particularmente acentuada - numa complicada situação económica e social, susceptível de abrir caminho à recuperação de estratégias discursivas já marginalizadas no seio daquele campo político.

Uma faceta que parece assumir particular interesse no presente trabalho é a possibilidade de medir, no contexto limitado da imprensa partidária, estas evoluções estruturais bem conhecidas. Em que medida reflecte, o discurso à partida ideológico da imprensa partidária, as transformações ocorridas neste período da História mundial? O discurso dramático, central na imprensa partidária do "processo revolucionário" do pós-25 de Abril, mantém a sua proeminência? E as funções políticas do discurso dramático então descortinadas mantêm a sua actualidade no novo contexto político-ideológico?

O discurso dramático no *Esquerda* e no *Povo Livre*

É importante ressaltar que as presentes limitações de espaço e de tempo nos levam a apresentar uma versão muito redutora das conclusões a que chegámos, bem como dos processos que nos permitiram uma análise estatisticamente válida.

Começamos por apresentar um gráfico que servirá de apoio sempre que a análise nos conduzir a caminhos mais comparativos e abrangentes (Figura 1). Mostra as ocorrências por 1000 palavras de todas as categorias de análise. Esta medida anula o efeito da dimensão dos *corpora* no número de ocorrências.

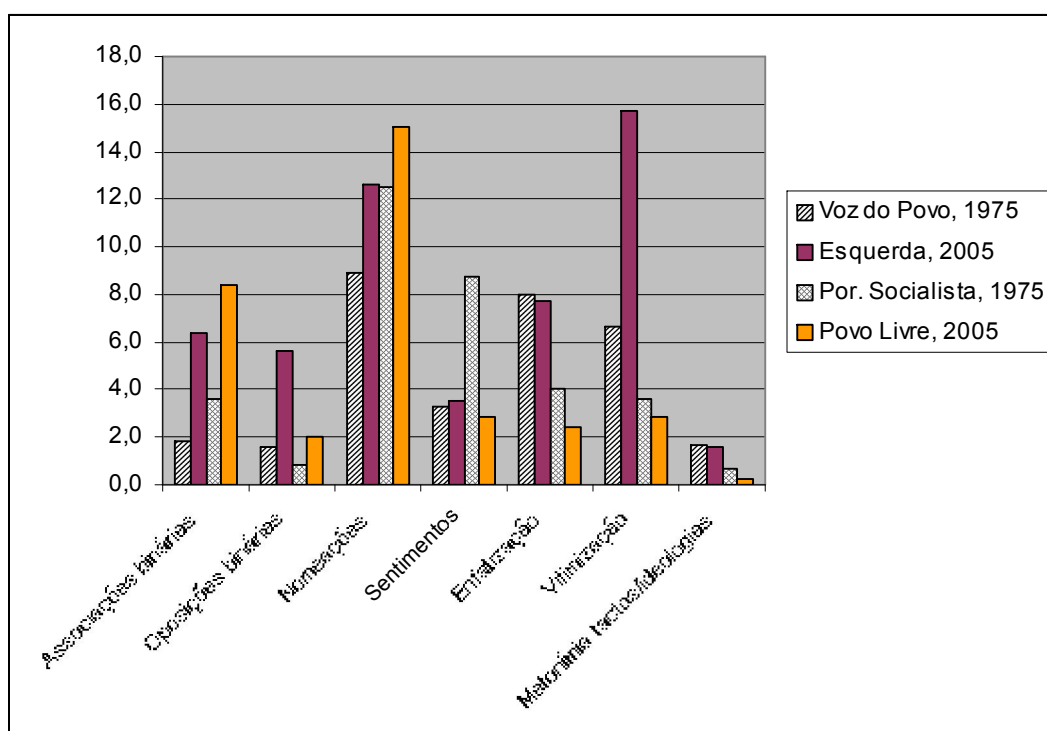


Figura 1: Ocorrências por mil palavras nos quatro jornais

Neste gráfico encontramos valores e padrões comparativos muito interessantes, que nos levariam a inúmeras especulações. A análise procurará explicar alguns deles...

O número de situações de vitimização por 1000 palavras no *Esquerda* é maior do que a soma das situações de vitimização dos outros três jornais. Um dado interessantíssimo. As oposições binárias são outra figura em que o *Esquerda* de 2005 consegue um valor superior à soma dos outros três jornais. O *Portugal Socialista* de 1975, como se pode ver, um nível de utilização dos sentimentos muito acima dos outros três jornais.

Enfim, cada categoria de análise revela neste gráfico particularidades verdadeiramente intrigantes e com um profundo significado ao nível das funções políticas e simbólicas desempenhadas por cada um dos jonais.

Centremo-nos agora nos jornais ainda por analisar, o *Povo Livre* e o *Esquerda*. Existem três categorias em que há uma relativa equidade no número de ocorrências: as associações binárias, as nomeações e os sentimentos. Nas restantes categorias - oposições binárias, ênfase e vitimização - verificamos que o jornal do BE se destaca de forma esmagadora, na frequência da sua utilização, em relação ao jornal do PSD. Seguidamente, com base nas categorias dramáticas mais significativas, procuraremos compreender o significado destes valores.

Associações binárias

As 43 associações binárias do *Esquerda* são protagonizadas por dois grandes actores: o "grupo BE", constituído por entidades ligadas ao partido e o "grupo Governo", constituído pelas entidades da esfera governamental.

No grupo do BE destacam-se as associações com entidades de carácter científico, técnico e artístico, normalmente inseridas em notícias relativas a debates e fóruns organizados pelo partido. As entidades mais associadas com o grupo são *cientistas ou especialistas*, *avanços científicos* e *futuro* (5 oc.) e *debates de ideias* ou espaços de reflexão (3). Interpretamos esta relação como uma tentativa de associar o BE a uma política esclarecida técnica e cientificamente, a uma valorização da razão, sem esquecer a faceta artística do meio intelectual.

O outro protagonista, o grupo do Governo, associa-se, pelo apoio, a *interesses privados* (9), no que constitui a associação binária mais recorrente de todo o corpus, além de várias outras entidades, como a *guerra do Iraque* (5). As associações binárias procuram uma caracterização negativa e perversa do Governo PSD/PP. Podemos ver na forte associação aos interesses privados uma reminiscência da assimilação marxista clássica, tão insistentemente expressa na *Voz do Povo* de 1975, dos partidos de direita ou centro-direita pela "burguesia".

O peso das associações é muito significativo no discurso do *Povo Livre* (115 ocorrências, o valor mais alto entre os quatro jornais - ver Figura 1). Através das

associações binárias, o jornal procura representar: uma ligação forte entre o PSD e a população; um grande apoio do partido e das suas autarquias à construção de obras ou equipamentos sociais; coesão entre vários órgãos do campo do PSD; uma ligação, através de membros do governo, entre Portugal e outros países.

Por outro lado, não podemos esquecer a importância das associações não-binárias. 28 das associações são relativas a encontros de diversas entidades, não apenas duas: eventos protocolares do Governo, reuniões de diversas entidades da sociedade civil em torno de iniciativas governamentais e outros eventos.

Quanto às associações estritamente binárias, as relações quantitativamente mais importantes são as do *Governo PSD/PP* com *obras públicas ou equipamentos sociais* (6) e das *câmaras municipais* com *obras públicas ou equipamentos sociais* (5). Esta associação às obras públicas e à construção de equipamentos sociais estará relacionada com o facto de estarmos perante um jornal do partido do Governo em vésperas de eleições, empenhado, naturalmente, em apresentar a "obra feita". Em termos gerais, a profusão de associações no *Povo Livre* procura remar contra a maré, apresentando uma visão do país coesa e funcional.

Oposições binárias

Como dissemos, o *Esquerda* leva a cabo uma utilização de oposições binárias superior, em termos numéricos, aos outros três jornais analisados juntos! Nada menos do que 5,6 ocorrências por 1000 palavras, contra 1,6/1000 da *Voz do Povo*, 0,8/1000 do *Portugal Socialista* e 2,0/1000 do *Povo Livre*.

Considerando que as situações de vitimização representam também oposições entre entidades, a mesma conclusão pode ser retirada em relação a elas. De facto, o *Esquerda* apresenta 15,7 ocorrências de situações de vitimização por 1000 palavras, contra 6,6 da *Voz do Povo*, 3,6 do *Portugal Socialista* e 2,9 do *Povo Livre*. Mais do que todos os outros juntos.

Este impressionante recurso à oposição binária e à vitimização mostra, de forma limitada, como as propriedades dramáticas do *Esquerda* de hoje não se atenuaram em relação à *Voz do Povo* de 1975. Num contexto menos conflituoso e radical, o discurso

do confronto e da vitimização é agora muito mais acentuado do que em pleno PREC. Como explicá-lo?

A análise das oposições binárias é algo inconclusiva, porque há uma dispersão praticamente total das ocorrências. Ou seja, não há nenhum par de entidades que se oponha mais do que duas vezes.

Quanto ao *Povo Livre*, a escassez de oposições binárias (21 apenas) está directamente relacionada com a proximidade em relação ao poder e com a preservação da ordem vigente. Estas escassas oposições binárias reflectem o confronto entre o PSD e os principais agentes da oposição: o PS e o Presidente da República responsável pela demissão do Governo. O Presidente da República opõe-se ao PSD, ao Primeiro-Ministro, à JSD, à população local, sempre em ocorrências isoladas.

É o próprio partido, entidade necessariamente central num jornal de partido do Governo, a entidade que, de forma destacada, estabelece mais oposições binárias. Particularmente em relação ao PS e ao Presidente da República.

Vitimização

É de facto o amplo recurso à vitimização (106) que melhor ilustra o "sentido geral" do discurso do *Esquerda*. O jornal procura denunciar e detalhar as múltiplas agressões a que, segundo o mesmo, o Governo PSD/PP sujeitou a população portuguesa durante a sua vigência de três anos.

O principal agressor é o *Governo PSD/PP*, em 42 ocorrências. O *Novo Código do Trabalho*, da autoria governo, é responsável por 8 situações. As vítimas destas duas entidades são, sem surpresa, a *população portuguesa*, os *trabalhadores*, os *funcionários públicos*, os *desempregados* e o *património e finanças públicas*.

O *Pacto de Estabilidade e Crescimento* da União Europeia não é poupado. Ele é apontado em diversas notícias como responsável pela estagnação da economia portuguesa e pela situação precária dos trabalhadores.

O *Esquerda* confirma a importância das questões ecológicas na ideologia do BE. A *poluição*, por exemplo, é responsável por 13 situações de vitimização, surgindo como agressora da *Natureza*, da *sociedade* e da *saúde pública*.

O *Povo Livre* apresenta um escasso recurso à vitimização (30 ocorrências), a comparar com o *Esquerda*. Num contexto de crise económica e social, em que o Governo é PSD e a população vítima de múltiplas contrariedades, como o desemprego, os baixos salários, uma “depressão colectiva”, é natural que o *Povo Livre* procure contrabalançar o tom geral da imprensa, traçando uma visão menos negativa do país.

Se os longos discursos de Pedro Santana Lopes transcritos pelo jornal tivesse sido analisados, o peso da vitimização seria muito provavelmente, bem diferente, a acreditar na tendência apontada a este político para o recurso a esta estratégia.

Assistimos assim, no que respeita à vitimização, a um discurso politicamente defensivo, em que os agressores não são adversários políticos (assumir-se-ia nesse caso um discurso de confronto), mas sim entidades sociais, físicas ou naturais que ameaçam o país. Com algumas excepções de cariz político, principalmente relacionadas com o papel do Presidente da República na demissão do Governo, encontramos como principais agressores os *incêndios* (5), *problemas sociais* (4) - sendo os tipos de agressão, não a pobreza, o que poria indirectamente em causa a governação PSD, mas a *toxicodependência*, o *alcoolismo* e a *gripe, falta de chuva* (2), *automobilistas* (2), *pequena dimensão da propriedade* ou *desastres naturais*.

Sentimentos

A análise da relação entre os sujeitos e objectos de sentimentos, assim como os sujeitos e as vítimas de agressão, confirmam que o *Esquerda* centra o seu discurso em três grupos de actores: o BE e pessoas, entidades ou valores ligados a ele; o governo PSD/PP ou entidades a ele ligadas; e a população, os pobres, os trabalhadores, os funcionários públicos, os desempregados.

Os sentimentos mais referidos são a *preocupação* (3 ocorrências), que tem como sujeito único o BE e por objecto problemas sociais, como a proposta do PS de reduzir funcionários públicos ou o urbanismo caótico; o *medo* (3 ocorrências), sentido pela população em relação à deterioração do ambiente e pelos funcionários públicos em relação a essa eventual redução de efectivos; a *humilhação* (2 oc.), sentida também pelos funcionários públicos perante a postura do governo PSD/PP.

Existe assim uma monopolização, pelos três grandes grupos de actores, de cada um dos sentimentos mais usados. O *medo* e a *humilhação* são sentimentos exclusivos do grupo agregado população. *Esperança*, *desânimo*, *culpa* e *sofrimento* são os outros sentimentos de que a população - e só ela - é sujeito. A *preocupação* é sentida *apenas* pelo BE. A *obsessão* (pelo défice público) e a *arrogância* são sentimentos ou atitudes exclusivos do grupo governo PSD/PP.

Mais do que coerência ideológica, esta particularidade revela uma linha de continuidade da disciplina discursiva que encontráramos na *Voz do Povo* de 1975. E confirma a função de utilização dos sentimentos para fins ideológicos.

Os sentimentos no *Povo Livre* confirmam a preocupação de transmitir uma visão harmoniosa da vida nacional. Das 30 ocorrências, apenas 3 (10%) são relativas a sentimentos negativos (*desilusão*, *medo* e *indignação*). Todas as outras ocorrências representam sentimentos como *afinidade*, *ambição*, *felicidade*, *segurança* ou *serenidade*. O principal sujeito é, naturalmente, a população portuguesa.

Conclusões

As conclusões desta comunicação são uma boa ocasião para auscultarmos a evolução do jornalismo partidário entre o Portugal de 1975 e o de 2005. Entre a *Voz do Povo*, originária de um período de ebulição social, de subversão institucional e o *Esquerda*, originário de uma conjuntura de crise em pleno regime democrático, notamos, não um atenuar do cunho dramático do discurso, mas, pelo contrário, um forte incremento desse cunho dramático, com um utilização muito mais intensa da vitimização, das oposições e das associações binárias. Várias hipóteses se podem colocar para explicar esta evolução surpreendente. O BE de 2005, ao contrário da UDP de 1975, é um partido que domina e pratica a linguagem dramática, por vezes os códigos publicitários, que se impuseram nos mass-media e são condição para a visibilidade social, para a persuasão política, para a imposição de visões do mundo. Este sucesso no campo da comunicação explica em certa medida o sucesso político do partido e, como a presente análise parece demonstrar, a dramatização joga um papel essencial na sua estratégia comunicacional.

Todavia, passou-se de um tipo de dramatização monopolizado pelo conflito, pela visão da luta de classes (em 1975) para uma dramatização assente na vitimização da

população face ao regime capitalista, uma opressão contra a qual a resposta já não é a “luta frontal classe contra classe”, mas um compromisso entre a ideologia marxista implícita e o convívio democrático, a cooperação cívica, a ligação ao sector intelectual e ao valor da razão, a afirmação de um partido estruturalmente híbrido mas, como qualquer partido de conjunto, aliado da linguagem e das regras dos media. A enorme evolução das associações binárias (de 1,8 / 1000 palavras em 1975 para 6,4 / 1000 palavras em 2005) é um dado particularmente significativo desta mutação. Outro dado essencial é o facto de a nomeação de pessoas ter deixado de ser usada quase exclusivamente para efeitos de denúncia e ter passado a servir para apresentar o partido e as suas actividades.

Confirma-se que o *Povo Livre* cumpre os deveres que são de esperar um jornal de partido de conjunto instalado no poder, controlando o aparelho de Estado há vários anos e na iminência de perder esse controlo. Uma abundante nomeação de figuras do partido e membros do Governo, uma forte aposta nas associações binárias e, para além disso, um recurso muito moderado ao discurso dramático. Podemos interpretar esta notória moderação como uma tentativa de contrariar o estigma da instabilidade governativa do mandato de Pedro Santana Lopes, representável por um discurso intenso, enfático, afectivo, vitimizador, precisamente o discurso que o *Esquerda* adopta.

Bibliografia

Babin, Pierre, *Linguagem e cultura dos media*, Lisboa, Bertrand, 1993.

Balandier, Georges, *O poder em cena*, Coimbra, Minerva, 1999.

Bourdieu, Pierre, *O poder simbólico*, Lisboa, Difel, 1989.

Bourdieu, Pierre, *O que falar quer dizer*, Lisboa, Difel, 1998.

Dawson, S. W., *O drama e o dramático*, Lisboa, Lysia, 1975.

Dort, Bernard, *Théâtre Réel*, Paris, Seuil, 1971.

Greimas, A. J., **Landowski**, E., et. al., *Introduction à l'analyse du discours en sciences sociales*, Paris, Hachette Université, 1979.

Hamburger, Käte, *A lógica da criação literária*, São Paulo, Perspectiva, 1986.

Lipovetsky, Gilles, *A era do Vazio*, Trad. port. Miguel Pereira e Ana Faria, Lisboa, Relógio d'Água, 1989.

Matos, Madalena Guibentif, *La démocratie au Portugal: analyse du débat politique entre 1974 et 1976*, Texto policopiado, Tese para Doutoramento apresentada à Univ. Genebra, 1992.

Mesquita, Mário, e **Rebelo**, José, *O 25 de Abril nos Média Internacionais* (col. textos/25), Porto, Afrontamento, 1994.

Pouchin, Dominique, "O último teatro leninista", in Mesquita, Mário, Rebelo, José, *O 25 de Abril nos média internacionais*, Porto, Afrontamento, Col. Textos/25, 1994.

Quintero, Alejandro, *História da Propaganda*, Lisboa, Planeta Editora, 1993.

Rebelo, José, *O discurso do jornal - o como e o porquê*, Lisboa, Editorial Notícias, 2000.

Reis, António, "O processo de democratização", in *Portugal: 20 anos de democracia*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994.

Reis, Carlos, *O conhecimento da literatura – Introdução aos estudos literários*, Coimbra, Livraria Almedina, 1995.

Rodrigues, Adriano Duarte, *Estratégias da Comunicação*, Lisboa, Presença, 1990.

Sfez, Lucien, *Dictionnaire Critique de la Communication*, Paris, PUF, 1993.

Sousa, Pedro Diniz de, "Um modelo de análise da dramatização na imprensa escrita", *Sociologia, Problemas e Práticas*, num. 35, Lisboa, Ed. Celta, 2001.

Sousa, Pedro Diniz de, *A dramatização na imprensa do "PREC"*, Coimbra, MinervaCoimbra, 2003.